

# BRASIL-PORTUGAL

16 DE MAIO DE 1903

N.º 104



Conde de Macedo

*Henrique de Macedo Pereira Coutinho, digno Visconde de Macedo, ministro do Estado Honorario, antigo ministro vicepresidente do Quirinal e em Madrid, e antigo lente da Escola Polytechnica. Professor distinctissimo, e uma das intelligencias mais lucidas e bem formadas do nosso paiz. A doçura que actualmente o accompetta, tendo-o em perigo de vida durante mezes, forçou a sua sahida de Madrid, onde era como em toda a parte, estimadissimo. O «Brasil-Portugal» presta hoje homenagem á sua individualidade tão sympathica e tão notavel.*

# POLÍTICA INTERNACIONAL

Já estava escripta e composta a nossa anterior revista, quando o telegrapho nos trouxe pormenorizadas noticias a respeito das eleições hespanholas. A importancia excepcional do assumpto obriga-nos a dedicar-lhe ainda uma parte d'esta chronica.

Foi muito além do que se poderia supôr o triumpho das candidaturas republicanas. Todos ficaram surprehendidos, a principiar pelos proprios vencedores. O governo e os seus partidarios, atarraxados pelo resultado do escrutinio, não atinam com a explicação que hão de dar para tão grande descalabro.

Para bem se comprehender todo o alcance da manifestação republicana nas urnas, torna-se preciso lembrar um facto que principalmente lhe realça a significação: é que a Hespanha, paiz de suffragio restricto e de recenseamentos viciados, tem sido sempre a terra classica dos caciques e dos burguez-podres. É geral são eleitos ali os deputados opposicionistas de que o governo carece, para que a ficção constitucional se mantenha e possa funcionar.

Pois apezar d'esta circumstancia e de, n'alguns pontos, como em Madrid, os diferentes grupos monarchicos se haverem colligado contra o adversario commum, venceram os republicanos por grande maioria! Deve confessar-se que é um acordar bem inesperado do partido que ha tantos annos só dava que falar de si, quando as discordias intestinas o punham em evidencia.

Atribuir, como uma parte da imprensa hespanhola o está fazendo, a derrota do governo á inhabilidade do ministro do reino apenas, é querer explicar por uma causa bem pequena o facto decerto mais capital dos ultimos tempos na politica do paiz vizinho. Não ha duvida de que o sr. Maura, talvez o vulto mais impopular do governo do sr. Sela, muito contribuiu para acirrar os animos contra o ministerio; mas ainda que em seu lugar tivessem presidido as eleições o sr. Dato, personagem relativamente mais liberal e menos antipathico, é nossa convicção que o resultado da lucta eleitoral haveria sido sensivelmente o mesmo. A responsabilidade do acontecido não é d'este ou d'aquelle ministro em especial, mas de todos os que ha muitos annos geram em Hespanha os negocios publicos. O paiz está desiludido e cansado. Perdeu a fé nos governantes, que pela sua parte parece que tem caprichado em desacreditar completamente o sistema parlamentar e o regimen constitucional. Todos esperavam que o grande desastre nacional de 1898, em que a monarchia se salvou por verdadeiro milagre, seria o inicio de uma vida nova, que preparasse a nação para a transformação que a perda de Cuba e das Philipinas tornava inevitavel. E então, o que se afigurava como o golpe de misericórdia para o destino da Hespanha, podia pelo contrario ser o signal de um despertar, e por conseguinte de regeneração da politica hespanhola foram baldadas. Os dois partidos monarchicos da rotação, tão depressa se viram livres do pesadelo de um levantamento nacional por causa da perda das colonias, continuaram com os mesmos processos, reiniciando nos velhos erros que haviam levado o paiz ao desmembramento e á vergonha de uma capitulação sem precedentes na historia da peninsula.

Está ainda na memoria de todos o que foi o primeiro governo do sr. Silvea depois da guerra, e o que foi o ultimo governo de Sagasta que lhe succedeu. As questões mais vitais para a nação foram systematicamente postas de parte, ou imprudentemente agravadas por medidas inopportunas e inconvenientes. Em compensação de-se ao paiz o spectaculo desmoralizador de mesquinhas intrigas e de rivalidades pessoais, como se assignalaram os ultimos dias da admimistração liberal. O importante então não era resolver a questão religiosa, a questão financeira, ou a questão economica, qualquer d'ellas tão preme de graves perigos para a nação. O que preocupava os governantes, a principiar por Sagasta, era saber quem havia de ser sagrado sub-chefe do partido, e se herdaria o bastião politico, prestes a cair das debéis mãos do presidente do conselho, o sr. Moret, o sr. Canalejas, ou o sr. Montero Rios.

E admirar-se que os mesmos procederam e os que tal consentiram de que o paiz, cansado de tão dissolvente espartaco, se tenha lançado nos braços dos republicanos. O contrario é que seria para admirar. A eleição de trinta e seis deputados francamente anti-monarchicos e obedeendo todos, pela primeira vez em Hespanha, ao mesmo chefe, é um facto cuja importancia se torna inutil encarecer, e cuja significação seria ridícula se não pretendem attenuar. Não são evidentemente trinta e seis deputados, que vão proclamar desde já a republica nas côrtes. Mas uma tão forte minoria radical, ainda robusta e com o apoio publica dos centros mais illustres, não pode deixar de causar serios embaraços ao governo, e pode prever-se que em mais de uma occasião ella será o arbitro da situação parlamentar. Se ao menos á coheção do partido republicano correspondesse a disciplina dos partidos monarchicos, ainda a vantagem estaria por agora do lado dos defensores do *statu quo*.

Mas é exactamente isso que não se dá. Não só liberaes e conservadores se guerreiam ferrocemente, como presentemente está acontecendo por motivo da nomeação dos novos senadores, mas cada um dos dois partidos da rotação se apresenta dividido e enfraquecido por mil intrigas de interesse puramente pessoal. Nestes termos a lucta, tanto para o governo como para a opposição monarchica, annuncia-se extremamente vantajosa. E tudo leva a crer que a monarchia, tão debilmente personificada n'um rei valetudinário e apenas saído da menoridade, não poderá affrontar as difficuldades, que com ameaçadora rapidez em volta d'ella se estão amontoando.

Não ha duvida de que o segundo imperio viveu por alguns annos

com os deputados republicanos de Paris na camara. Mas, em primeiro lugar, as outras cidades francezas não secundaram o protesto da capital. E em segundo lugar, não é segredo para ninguem que se a guerra não estalára (e foi para estabelecer uma diversão á gravidade da situação interior, que Napoleão III n'ella se lançou o proprio suffragio se encarregaria de derribar a dynastia, tornando-lhe impossivel o governo).

Demais em Hespanha a victoria dos republicanos parece que está inspirando ao governo a peor de todas as taticas — a perseguição. Este processo, perigoso sempre em qualquer hypothese, é perigosissimo na actual conjunctura, porisso que vae accentuar mais a victoria dos inimigos das instituições, augmentando-lhes o numero dos adeptos. Assim, depois dos motins de Salamanca, Madrid, Valencia, Vigo e Corunha, que ajudaram, fóra de toda a Hespanha, a preparar o resultado das eleições, as sangrentas escaramuças de Almeria, Jumilla e Infesto, em que os mortos se elevam a mais de duas dezenas, só podem contribuir para tornar mais popular o partido do sr. Salmeron, e para enfraquecer ainda mais a situação.

É indubitavel que a monarchia em Hespanha está atravessando um máu quarto de hora. Depende, porém, do procedimento do governo apressar ou retardar o desfecho, que se nos afigura inevitavel. Repressão é mão armada, como em Infesto; perseguição organizada, como a que se inicia com a deliberação de punir com a maxima severidade qualquer grito contra as instituições; nomeação de um governo militar, em que já se fala, para esmagar pela força os protestos da opinião; tudo isso só servirá para provocar uma revolução, que ainda não ha muitas semanas pareceria ridiculo invocar, mas que hoje principia a parecer a muitos como solução senão provavel, pelo menos possivel, para o actual estado de cousas no paiz vizinho.

Os acontecimentos politicos, que nas nossas ultimas chronicas temos passado em revista, não consentiram, que nos occupassem de um facto occorrido na Russia, altamente significativo para a politica interna d'aquella nação, não decerto pelos effeitos praticos e immediatos que possa ter, mas pela confissão, que implicitamente importa, a respeito do movimento revolucionario que ha tempos persistentemente se revela por inequívocos symptomas no grande imperio slavo.

É sabido como o reinado de Nicolau II tem, desde o seu começo, oscillado sempre entre tentativas de reacção, apenas contidas pelo receio de qualquer explosão popular, e de reformas, que apenas enunciadas pelo monarcha, ou caem em esquecimento, ou são desvirtuadas na sua applicação. Esta hesitação constante na direcção da politica interna do imperio é o resultado das duas influencias, que cercam o throno, e que alternativamente alcançam o predomínio junto da pessoa do tsar. De um lado continúa a exercer a sua perniciosa acção sobre Nicolau II o procurador do Santo Synodo, o celebre Pobiedonostev, fanatico representante da santa Russia orthodoxa e despolitico, ao qual se deve a suggestão de todas as medidas reaccionarias, que o actual imperador tem sancionado. Pertence á mesma orientação o ministro do interior, von Plehve. E a estes dois homens, que se devem os *ukazes* promulgados contra as liberdades da Finlândia, e as tentativas de cercar as atribuições dos *zemstvos*, ou assembleias provinciais, os unicos orgãos que embora muito pallidamente ousam articular as reclamações populares.

Do outro lado mais avançado pertence, segundo se diz, o proprio ministro das finanças, o sr. de Witte, o qual, pela pratica dos negocios e pelo contacto mais directo com as diferentes classes da população, chegou ao convencimento de que a actual situação economica da Russia, e portanto a sua presente posição financeira, só podem encontrar alivio na directa collaboração dos *zemstvos* para a obra da reconstituição nacional. É porisso que elle se oppõe não raro ás medidas contra as liberdades populares, e a favor de reformas.

Ha ainda um terceiro factor com que é preciso contar, quando se trata de politica e principalmente de administração na Russia — a burocracia, o partido dos *ichinoviaks*, o qual pôde mais do que Witte, do que Pobiedonostev, do que von Plehve, do que o proprio tsar, porque representa a continuidade da tradição reaccionaria, que todo embaraço e tudo inutiliza. Enquanto a burocracia moscovita dominar não ha reforma possivel, por mais que se queiram as intenções do tsar, e de algum ministro mais esclarecido. Foram os *ichinoviaks* que crearam os maiores embaraços á obra reformadora de Alexandre II e do seu grande ministro Loris Melikov. Foram os *ichinoviaks* que se apossaram de Alexandre III, logo que elle subiu ao throno, que o obrigaram a rasgar a Constituição, que seu pae tinha já assignado, e que o forçaram a renegar a herança paterna, lançando-se nos braços dos mais feroces reaccionarios. São ainda os *ichinoviaks*, que tem inspirado a Nicolau II os seus mais antipathicos *ukazes*.

No manifesto que o tsar acaba de publicar, obscuro e vago, onde em cada linha se descobrem os vestigios das duas influencias a que elle obedeceu, o que é importante não é a substancia das promessas, que ahí se consignam ou antes dos desejos que n'elles se exprimem, mas sim a sua propria applicação. Ao contrario de todos os desmentidos officias o tsar afirma, que a Russia precisa de reformas. Está assim justificado o movimento que de um ao outro extremo do imperio reclama mais liberdade, como necessallime imprimeivel de vida nova.

# Escola Industrial MARQUEZ DE POMBAL

**D**esde 1884 as primeiras tentativas para o desenvolvimento do ensino industrial no nosso país. Foi n'este anno que Antonio Augusto de Aguiar creou a primeira escola de desenho - *Marquez de Pombal*, que dois annos depois, em 86, o ministro Emyglio Navarro transformou em *Escola Industrial*, e na qual, ainda dois annos depois, em 88, instituiu o ensino de arithmetica e geometria elemental, portuguez, elementos de physica e mechanica, chimica industrial e francez.

A scachada escola de desenho, de proporções modestas, não tendo um fim pratico definido, nem um ideal moderno de utilidade immediata e efficaz, fez-se, por este impulso, centro de educação popular de resultados rapidos que superhenderam os rotineiros incredulos. O nome de Emyglio Navarro, ficou pois, vinculado á grande obra da educação, pelo ensino pratico facultado ás classes pobres. Infelizmente esse esforço, que representa um marco a mais no caminho do adiantamento nacional e da civilização, não teve muitos que o secundassem proveitosamente, ou por inepcia, ou por incuria, ou por falsa comprehensão das coisas uteis, ou pela systematica mania dos *córtex*, que á falta de ideias economicas, acompanha quasi sempre os primeiros ímpetos com que se sobraçam pastas.

Era então inspector das escolas industriais do Sul o conselheiro Francisco da Fonseca Benevides, que, pouco tempo depois, propoz para dirigir a escola *Marquez de Pombal* o secretario da mesma escola Marquez Leitão. Data d'esta epocha o extraordinario desenvolvimento que progressivamente tomou esta escola, considerada hoje a nossa primeira escola industrial, e que certamente póde figurar entre as melhores da Europa. E' esta, pelo menos, a opinião de muitos estrangeiros, e de todos os delegados portuguezes, encarregados officialmente de estudar as escolas de ensino similares estrangeiras. N'esta apathia em que Portugal vive corre a todos nós o dever de exaltar as vantagens do ensino industrial. A Inglaterra, que foi na vanguarda d'esta cruzada civilisadora, e posteriormente a França, a Alemanha, a Belgica e outras nações da Europa insistem, constantemente e com um fervor requintado, no desenvolvimento do ensino industrial, com justificada razão considerado um dos valiosos elementos na resolução dos problemas economicos dos países mais cultos. Entre nós deve dizer-se que só em 1884 adquirimos uma noção clara da sua importancia. Em documentos officiaes encontramos esclarecimentos, que asseguram o nosso aserto.

Nos relatorios elaborados em 1891 e 1893 pelo chefe da repartição da industria, Joaquim Tello, lêem-se, a proposito das exposições dos trabalhos das escolas industriais, os seguintes periodos, referentes á exposição de 1891:

«O ensino industrial tomou uma feição pratica e verdadeiramente util com a criação das escolas industriais e de desenho industrial. Já hoje, e as mais antigas contam apenas sete annos de existencia, são animadores os resultados alcançados com a propagação e nova direcção d'estes trabalhos escolares. No nosso país, onde as classes produtoras são afezadas á rotina, porque as invade uma descrença noiva e infundada, é difficil ás classes dirigentes impor-lhes a remodelação e o aperfeiçoamento dos methodos de ensino e dos processos de trabalho.



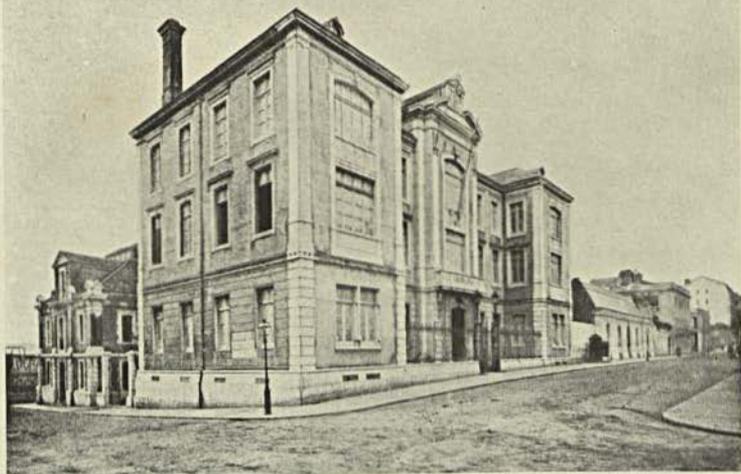
*Escola de desenho industrial «Marquez de Pombal» em 1884  
na rua Direita de Alcantara, 83*

E' a falta de instrucção propria, de exemplo e de estimulo, que assim determina esta apathia, em que dormitamos, ha muitos annos. O nosso clima enerva; o caracter sobrio e accommodatico do nosso povo dispensa-lhe excessos de energia para manter a sua sustentação; o isolamento, em que tem vivido, não lhe permite apreciar, pratica e experimentalmente, as compensações moraes e materias provenientes d'essa grande e fecunda elaboração industrial, que transforma, enriquece e mobiliza os povos modernos.

«Todo isto tem actuado no seu caracter, deprimindo-o a ponto de resistir ás investidas dos homens que mais tem lidado n'esta cruzada civilisadora de regenerar e engrandecer o homem pelo trabalho.»

Do relatorio de 93 extrahimos esta interessante noticia:

«Nestes ultimos annos é que a orientação dos nossos estadistas melhor se fixou n'esta ordem de ideias. Antes de Antonio Augusto de Aguiar - não citando o grande Marquez de Pombal - appareceram, aqui e ali, homens notaveis, industrias intelligentes, principios dispersos, leis incompletas, aspirações platonicas; isto, sem orientação pratica, sem unidade de acção, sem objectivo, não constitua um corpo de doutrina serio, bem pensado, pouco esclarecida e aconselhava os que ulteriormente quizessem estudar estas importantes questões do fomento industrial. Mais tarde, já na ultima metade d'este seculo, citam-se os nomes de José Victorino Damasio, Fra-



*Fachada principal da actual Escola «Marquez de Pombal» inaugurada em 1889*

desso da Silveira, Foutes, João Chrysostomo de Abreu e Sousa e outros, que iniciaram algumas reformas valiosas; mas só depois da passagem pelas cadeiras do poder de Antonio Augusto de Aguiar e Emyglio Navar



*Conselheiro Antonio Augusto de Aguiar*  
Fundador da Escola Marques de Pombal, em 1881,  
quando ministro das Obras Publicas

vasto é que o país começou a ter a consciencia dos grandes recursos, que podia obter na exploração das industrias modernas.

Não cabe n'um artigo a historia completa do ensino industrial entre nós. Bastará a affirmação de que são já evidentes e importantes os seus resultados. Da escola industrial *Marquez de Pombal*, que mais particularmente interessa ao nosso



*Conselheiro Ernesto Madeira Pinto*  
Director Geral do Commercio e Industria e  
Director Geral do Ministerio das Obras Publicas.

estudo, tem sahido grande numero de operarios habilitados com diversos cursos profissionais, sendo procurados excepcionalmente para servir em os mais dificeis e rendosos logares nos estabelecimentos officias e particulares. A historia d'estes alumnos, depois de terminarem os respectivos cursos; — que nos consta estar separada e criticada n'um desenvolvido trabalho organiado pelo intelligente director d'aquella escola, o professor Marquez Leitão —, indicará, com a evidencia dos factos, os resultados praticos da sua importancia social. São já ás dezenas os que ali se transformaram. Eram os mais desfavorecidos da fortuna, sem educação, sem conforto, sem pão São hoje artistas distinctos, cidadãos prestantes, vivendo vida desalagada, consciencia do seu valimento pessoal, estimados e considerados por todos. A escola foi a sua redempção.

Depois de varias transformações, todas no sentido de ampliar o ensino e o quadro do seu pessoal, a escola industrial *Marquez de Pombal* habilita hoje para os seguintes cursos: de desenho industrial, curso profissional e curso industrial; professoando, especialmente, mais o curso livre de

chimica e o curso de conductor de machinas. Ensina as seguintes disciplinas: desenho geral elementar, desenho architectonico, mecanico, ornamental e modelação, lingua portugueza, arithmetica e geometria, corographia e historia patria, geographia geral, lingua franceza, principios de physica e chimica, elementos de historia natural, physica e mecnica industrial e chimica industrial. Possui as seguintes officinas: carpintaria, marcenaria, serralharia, entalhador, pintura decorativa, formação, tecelagem, encadernação e labores femininos.

O pessoal compõe-se de 17 professores, de 5 mestres de officina, de 1 conservador, de 1 amanuense, de 5 guardas e de 5 serventes. Tem biblioteca, museu, gabinete de physica, laboratorio de chimica, secretaria e outras dependencias. As suas officinas representam uma installação modular, segundo os melhores preceitos modernos. As salas são apropriadas ao



*Conselheiro Emyglio Navarro*  
Reformador da Escola Marques de Pombal, em 1888,  
quando ministro das Obras Publicas

leccionamento das varias disciplinas, embora em algumas se note já deficiencia de espaço, vista a rapida e progressiva affluencia de alumnos que ali concorrem ás matriculas. A escola *Marquez de Pombal* é hoje um vasto campo de ensinamento profissional e muito bem dotada de pessoal docente e de material adequado.

O seu movimento escolar ascendente deduz-se da comparação do numero de inscripções no seu primeiro anno de exercicio (1884), que foi de 65, com o numero de inscripções no anno de 1902, que foi de 1040!!

E' eloquent!

O apuramento dos alumnos fornece indicações precisas, por isso que o numero dos aprovados em 1884-1885 foi de 36 e no ultimo anno (1901-1902) foi de 435.

Por esta rapida exposição se avaliam os brilhantes resultados colhidos pela escola *Marquez de Pombal* desde a sua installação, e quanto ella promete ainda para a educação do operariado portuguez. O ensino profissional, embora tenha

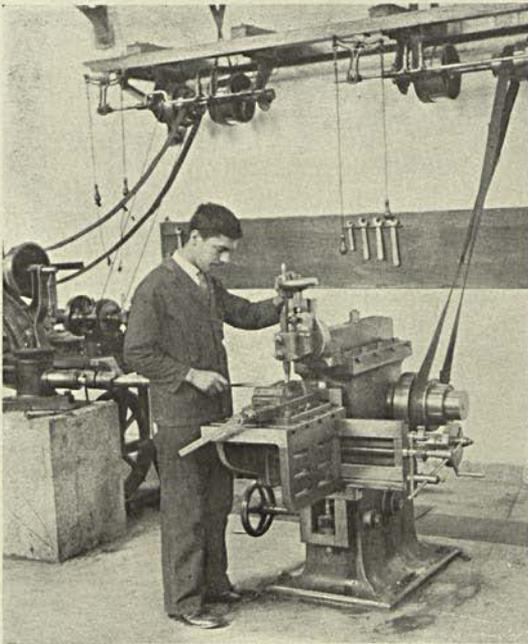


*Dr. Joaquim Tello*

caminhado entre nós com passos vacillantes, atravessando crises financeiras, que não lhe permitem alastrar-se e desenvolver-se á altura de todas as necessidades sociais, e pagando o indispensavel tributo de aprendizagem, impõe-se, entretanto, já aos



*C. A. Marquez Leitão*  
Director da Escola Marques de Pombal



Na officina de serralharia

poderes publicos e derrama beneficios palpaveis, que radicam a cultura e bem estar do nosso povo, enaltecendo os nomes dos seus iniciadores.

São poucos todos os louvores tributados a estes obreiros da educação professional, que nunca esmoreceram n'esta travessia agreste, conseguindo, pela sua dedicacão e pelo seu talento, levar a porto seguro esta famosa caravella, que se chama *Escola Industrial*.

## Notas biographicas

### Antonio Augusto de Aguiar

Era ministro das obras publicas quando, em 1884, fez publicar um decreto criando a escola de desenho *Marques de Pombal*, em um modesto edificio da rua Direita de Alcantara, e de que damos uma gravura. Era louvavel o seu intuito, e pouco talvez em desenvolvê-lo, mas não poz em pratica esse projecto. A escola estava, pois, condemnada a morrer, por inutil, se a ideia se não firmasse mais tarde em bases mais solidas.

### Emygdio Navarro

O nome de Emygdio Navarro dispensa, por si só, notas biographicas. Mas o *Brasil-Portugal*, que será de futuro uma fonte de informacão segura para a historia dos nossos dias, aproveita o ensejo para fixar dados precisos e factos que já hoje ninguém lembra.

Emygdio Navarro nasceu, em Vizeu, em 19 de abril de 1844. Tem portanto... Ora como o homem tem sempre a idade que representa, e como a certidão de idade é apenas uma coisa sem sentido, passemos adiante. Em Bragança, para onde o levou o acaso, fez rapidamente o curso de instrucão secundaria. Ali, ainda sem um fito e sem uma orientacão definida, um bello dia envervou a batina de seminarista, que ao terminar o 2.º anno do curso, atirou pela janella, seguindo na mala-posta para o Mondego. Coimbra, com as suas serenatas, os seus poetas, as suas tradições, as suas lendas, supplantou os dogmas. Ficou-se no escuro a theologia, mas ganharam as letras um astro novo.

E, em 69, a Advocacia dava ao mundo um filho mais, de braço dado com Lopo Vaz. O viver sombrio do claustro não lhe amansou a nervosidade; aguçou-a. A bohemia de Coimbra abriu-lhe outros horizontes rasgados. Refez os museus de fogo e consolidou o espirito esquiivo. Novato, mas resolutivo e direito como uma vara de marmeleiro, revoltou-se logo, lançando a publicidade uns deliciosos folhetins de critica ao *Mario*, de Silva Gayer, arrojando logo o cheque de applausos. O Emygdio Navarro de hoje nasceu d'esses applausos: abriram-lhe o trilhão que elle havia de seguir, e declinam do seu futuro. Um mes depois apparecia a *Academia*, de vida ephemera, fundada por elle, de concertos com Lopes Praça, e com o doce poeta, tão triste e tão bom, Simões Dias.

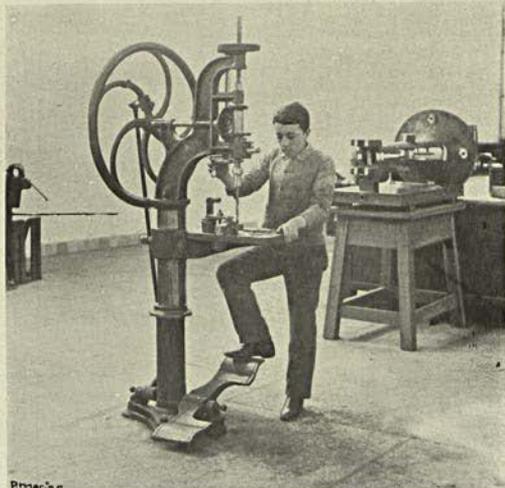
Em 68, quando o partido historico se apaixonou pelo partido regenerador, e ambos se fundiram n'um abraço, para festejar esse enlace creou-se o *Jornal de Coimbra*. Navarro foi convidado para collaborar, mas pouco tempo depois foi arvorado em redactor principal. Fiziam sensacão os seus artigos n'essa folha, pela vehemencia e justeza de apreciacão, e, em Lisboa, transcrevia-os na integra a *Gazeta de Portugal*. Vão já volvidos 30 annos, mas comparando esses trechos de prosa impecavel com os artigos de hoje, vê-se que Emygdio Navarro nasceu jornalista e não se fez aos poucos. Marcou ha 30 annos um logar na tribuna da imprensa, e occupa-o ainda como no primeiro dia.

Terminado o curso e sem nada já que o prendesse ás coisas de Coimbra, o novo doutor fez as malas e partiu para Bragança, e ali abriu banca de advogado. Mas estava escripto que Bragança lhe não roeria os ossos e que os codigos lhe não moeriam a paciencia n'aquelle meio acanhado. Dois annos depois, ali por 71, metteu nas malas todas as suas aspirações e todos os seus ideaes, e á boa ventura, demandou campo mais vasto para a sua actividade de ambicioso — Lisboa. O partido historico abriu-lhe os braços e o jornalismo militante deu-lhe um logar no *Piz*... mas gratino, por imposição sua. Escrevia então no *Piz* Antonio Ennes. Pouco depois entrou para a redacção do *Progresso*. O trilhão primitivo fez-se estrada real e o seu nome desde logo foi posto em evidencia.

Emygdio Navarro fundou o *Correio da Noite*, jornal ainda agora quente da sua penna e das penas de Antonio Ennes, Simões Dias e Anselmo de Andrade. Emygdio Navarro, com vistas largas e impulsionado por uma ancia de independencia, abandonou dois annos depois o *Correio*, por essa epoca muito adstricto a influencias partidarias, para fundar, sob responsabilidade individual, as *Noticias*, em que a sua personalidade jornalística se accentuou de vez e m'um brilho inextinguivel.

Eleito deputado ás côrtes, pela 1.ª vez, em 78, como opposição, pelo circulo de Aviz, e pouco depois nomeado secretario do Tribunal do Commercio, logar que exerceu até 86, nunca a sua penna ficou dormindo.

Que o digam as folhas d'esse longo periodo e o bello livro, unico, que lançou no nosso pobre mercado. N'aquelle anno sobrouca a pasta das obras publicas que, em 89, abandonou sem saudades. Data d'esse anno a



Um alumno na officina de serralharia

sua nomeação de vogal do Tribunal de Contas, lugar que exerce ainda. Em 91 partiu para Paris como ministro de Portugal, e ali se conservou até 94. Foi então que lhe coube a árdua e espinhosa tarefa de fazer face aos desagrados trazidos pela crise financeira, que n'esse período angustioso rebentou no nosso paiz e que tantas complicações nos trouxe.

Desde o seu regresso de França o seu nome não tem figurado na politica activa, excepção feita de uma rapida appareição na camara dos deputados. Em compensação dedicou-se exclusivamente ao seu jornal, e ao viver aldeão, o seu encanto. De longe em longe Emygdio Navarro desaparece da lucta diaria e vai refrescar o espirito e matar sandades entre os simples do campo, até onde não chegam os echos das miserias que nos cercam.

*Nota:* — Emygdio assistiu ao lançamento da primeira pedra da Escola Industrial Marquez de Pombal em 11 de novembro de 1886, dia em que El-Rei D. Luiz completava 25 annos de reinado, e depois, ainda como ministro, assistiu á inauguração do edificio.

### Madeira Pinto

Um dos poucos homens que com mais pertinacia e enthusiasmo tem pugnado pelo desenvolvimento do ensino profissional entre nós.

Nomeado director geral do commercio e industria pela reforma de 1886, secundou os esforços do então ministro das obras publicas, Emygdio Navarro, na creação das primeiras escolas industriais.

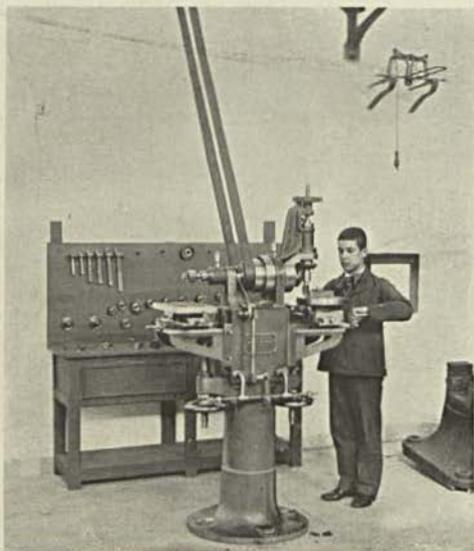
Transferido mais tarde para o lugar de director geral dos correios e telegraphos, o conselheiro Madeira Pinto, em setembro de 89, voltou a occupar o primitivo cargo, e desde essa epoca a sua acção tem-se feito sentir no movimento do ensino pratico e no seu incremento rapido, fillo de uma orientação intelligente e de um zelo constante. A sua influencia se deveu os melhoramentos e o estado de florescencia da Escola Marquez de Pombal — escola que passaria desapercebida aos ministros que se tem succedido na pasta das obras publicas, e aos quaes mal sobeja tempo para attentarem em coisas uteis, por isso mesmo postas de parte.

### Dr. Joaquim Tello

Formou-se em medicina, e hoje é tenente-coronel medico. Antigo deputado e jornalista, trabalhou no *Correio da Noite*, e no *Progresso*, ao



Um alumno serrador



Um alumno na officina de serrallaria

lado de Emygdio Navarro, que mais tarde acompanhou ao ser lançado o jornal *Novidades*.

Uma nova ordem de ideias e de trabalhos fê-lo depôr a penina e lançou-o nas preoccupações por vezes inglorias da burocracia. Em 86 foi nomeado chefe da repartição da industria, tendo a seu cargo o ensino industrial e commercial.

Em 92 dirigiu superiormente os serviços d'aquella repartição, cargo que desempenhou durante 6 annos. Devem-lhe as escolas industriais grande propaganda. Com o seu facto especial promoveu e dirigiu algumas exposições de trabalhos das escolas, de que escreveu excellentes e curiosos relatorios, de que acima damos alguns trechos.

### Marques Leitão

É major de infantaria, professor de desenho no Collegio Militar, professor de Suas Altezas Reaes, e director da escola Marquez de Pombal. É um fanatico pelo ensino profissional, a que dedica todos os momentos livres. São dignos de nota os serviços relevantes que tem prestado como professor, como director e como inspector das escolas industriais. A sua alta competencia, e o seu valor evidenciam-se no estado de florescencia actual da Escola Marquez de Pombal, e resultam dos varios trabalhos escolares, entre os quaes avulta o que se refere ás Artes Industriais do Sul, e que apresentou na ultima exposição universal de 1900, em Paris — trabalho que, diga-se de passagem, é mais conhecido no estrangeiro do que n'este paiz de indifferentes.

### Patria nossa

Tenho corrido o mundo, sem repouso,  
E em toda a parte sou, por meus peccados,  
Aquelle Português aventureiro  
Que só tristeza vê, só vê cuidados. . .

E dizem os meus Sonhos naufragados:  
— «Coração esforçado e valoroso,  
Como os antigos Nautas, memorados,  
Quando dóbra o Cabo Tormentoso?»

«Mostram-te a Paz, buscas a Dór e a Guerra,  
Foges do Bem, voltas ao teu Paiz . . .  
Como seguit-te assim, de serra em serra?»

E o Coração aventureiro diz:  
«Antes ser desgraçado em nossa Terra,  
Do que na terra alheia ser feliz. . .»

RIBEIRO DE CARVALHO.

# O Rei Eduardo VII

## RECORDAÇÕES

Já lá vão perto de 46 anos quando S. M. o Rei Eduardo VII de Inglaterra, então Príncipe de Gales, visitou pela primeira vez Lisboa. Era S. A. então um mancebo imberbe, louro, com o cabelo muito brilhante e uma compostura correctíssima, irreprensível. Tivemos a honra de o ver entrar, muito grave e sério, na igreja de S. Jorge, no cemiterio dos protestantes anglicanos, à Estrella, com a sua sobrecasaca preta e colarinhos muito altos e de pontas voltadas, os primeiros que vimos de tal feitio.

Estavamos então em companhia do velho amigo Pinheiro Chagas, no lugar reservado aos visitantes de religião diversa, dentro d'aquella igreja que tão solemne e mystica se ergue em meio d'aquella muez saudosa dos tumulos, e do *ciprestal sonoro* que ergue para o ceu a verde negra coma.

Quasi vinte annos depois, em 1876, voltou o grande Príncipe a Lisboa, de volta de uma viagem triumphal á India, onde assistira a brilhantes caçadas aos triges reaes, montado nos corpulentos elephantes ricamente ajaezados de pedrarias, percorrendo os mattos inextricaveis do Mysore e do Punjab, S. A. era já homem feito e vinha em toda a pujança da virilidade, radiante de satisfação e com o justo e natural desvanecimento por ser o herdeiro do mais poderoso throno do mundo.

Vinha o Príncipe a bordo do transporte *Serapis*, expressamente armado em hyate real, cercado de todas as commodidades possiveis, e era acompanhado pela fragata *Raleigh*, do commando de Sir George Tryon, official cheio de auspiciosas esperanças. No dia da partida do Príncipe quiz El-Rei D. Luiz acompanhal-o até á tarra a bordo da nossa velha corveta *Rainha de Portugal*, onde levava arvorado o estandarte no mastro grande. Imprevisivelmente, em consequencia de uma manobra mal executada, a fragata ingleza foi cortar a prôa ao navio portuguez, e tão desastrosamente o fez, que houve um abaloamento de que resultou quebrar o inglez o gurutex e a figura de prôa do navio portuguez, que representava o busto da Rainha Senhora D. Maria Pia.

A nossa corveta era commandada pelo conceituadissimo



Officina de desenhador



Alunos trabalhando na officina de marcenaria

official superior Carlos Frederico d'Almeida Pereira e Sousa. Sir George Tryon veio mais tarde a morrer afogado na bahia de Tunis como vice-almirante, commandando a esquadra do Mediterraneo, a bordo do grande couraçado *Victoria*, abalroado e afundado pelo couraçado *Camperdown*, em execução de uma manobra erradamente planeada pelo almirante, que assim pagou com a vida a sua deplorável delicia de apreciação, que infelizmente não era já a primeira.

Em 1890 tivemos a honra de ser apresentado a S. A. o Principe de Galles em uma recepção, ou levee, dada em nome da Rainha em Marlborough House, em Londres. Dias depois houve um grande baile dado em nome da Rainha no palacio de Buckingham, presidido tambem pelo Principe, a quem fomos segunda vez apresentado, conversando com S. A. em inglez.

Em 1897, durante a imponente revista naval passada por S. A. o Principe de Galles a 176 navios de guerra inglezes e 14 de outras tantas diversas nacionalidades estrangeiras, em Spithead, tivemos mais uma vez a honra de cumprimentar pessoalmente S. A. a bordo do byate *Victoria and Albert*, recebendo de suas regias mãos, com phrasas muito amáveis pronunciadas em francez, a medalha de prata commemorativa do jubileu dos 60 annos de reinado glorioso da Rainha Victoria, Imperatriz das Indias.

Em 2 de abril, finalmente, desembarcou o Rei Eduardo VII de Inglaterra no Terreiro do Paço, vindo ao Tejo no seu novo byate *Victoria and Albert*, escoltado pelos dois cruzadores *Minerva* e *Venus*, na primeira visita que fazia a paiz estrangeiro depois da sua ascensão ao throno e da gravissima enfermidade que o teve ás portas da morte.

D'esta vez, porém, não teve o auctor d'estas linhas categoria official para poder cumprimentar pessoalmente o monarcha inglez, porque, estando fora da arma, nunca teve convite para qualquer solemnidade.

Do fundo da sua obscuridade, porém, dirige muito espontaneamente uma entusiastica saudação a S. M. o Rei Eduardo, ao sympathico e bondoso monarcha, que veio assim avigorar em termos calorosos, sinceros e cheios de fé, a auspiciosa aliança entre o paiz da actualidade mais poderoso no mar e o pequeno reino que ha quatrocentos annos mostrara aos outros povos, com as quilhas dos seus galões, os grandes caminhos dos Oceanos.

Viva S. M. o Rei Eduardo VII de Inglaterra!

Viva a alliança entre Portugal e a Grã Bretanha!

Augusto de Castilho.

## O NAUFRAGIO

O mar bramir irado a misterioso,  
Era o céu cor-de chumbo, e a tempestade  
Rugia pela tórva immensidade  
N'um impeto fatal e tenebroso.

No profundo oceano proceloso  
A nau se afunda, que o terror invade,  
E o abismo abafa prestes sem piedade  
Das victimas o coro desditoso.

E em meio de pavor e furia tanta  
Um seio bronzeo e heroico se elevanta  
Contra as ondas luctando triumphal.

E arrancando do mar ao seio bravo  
D'um povo prestes a morrer escravo  
A sagrada legenda sepulcral...

1885.

JOAQUIM DE ARABIO.

## Eduardo VII em Lisboa



Clique prohibida e offenda a esta sessão veio sr. Eduardo de Maza Cardoso!

S. M. a Rainha D. Maria Pia

Lady Gosselin

Miss Gosselin

Marquiza de Gouveia

Marquiza de Guell

Madame Rouvier

D. Maria Eugenia da Cunha Mattes

D. Amelia Ulrich Cardoso

Um grupo de senhoras na sessão do tiro aos pombos em honra de S. M. o Rei de Inglaterra, na Tapada da Ajuda

# Portuguezes em Africa

**D**ia a dia, em letras de ouro, inscrevem as nossas chronicas gloriosas nomes de arrojados e trabalhadores incansaveis. Não remontando a velhos tempos, Irens, Capello, Victor Cordon, Serpa Pinto, Mousinho, Sousa Machado, Couceiro, João Coutinho, encontram continuadores na grande luta africana. Neste momento impõem-se dois homens que de subito surgem para manterem de pé as nossas tradições de bravura — Antonio Ju-

precisar, uma tribu da Zululandia, povo guerreiro que em 1878 tanto deu que fazer á Inglaterra, emigrou dos terrenos do régulo Chaka, e subindo para o Norte, foi estabelecer-se na Angónia, sob o commando do chefe Nputa, que morreu no caminho para o Zambese. Morto o chefe, logo o substituiu um alentado negro de nome Chikusse, que, depois de varios revezes, conseguiu fixar-se com o bando nas margens do Rivugo, na base do monte Mpenga. Claro



2.º tenente João Judice de Vasconcellos



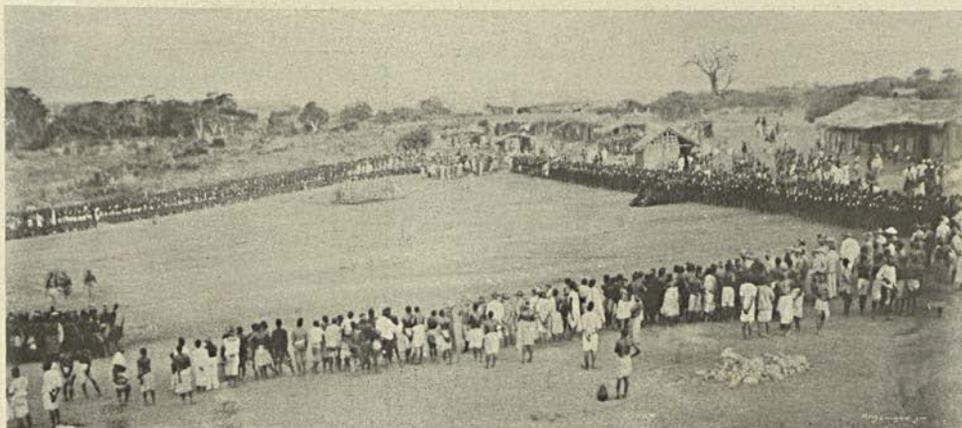
2.º tenente Antonio Julio de Brito

lio de Brito e João de Vasconcellos, 2.ºs tenentes da armada — aspectos de creanças, mas gigantes pela coragem á antiga portugueza.

O primeiro, pelo seu tacto e desmedida valentia, mereceu, na Zambesia, o nome de Rei da Angónia. O segundo, apenas sahido da infancia, e ainda guarda-marinha, fez-se notado no ceiebre combate de Chuargué, por occasião da campanha do Barué.

está que a tribu invasora, para se impôr, usou da força. E bem a sentiram os povos da raça chupeta que n'essas guerras obscuras perderam haveres, mulheres e gados . . . e mais as vidas.

A Chikusse succedeu seu filho Gomani, o qual pouco tempo reinou. A Gomani succedeu seu irmão Mandala, outro pretalhão valente que em 8 de agosto de 1900 foi preso. Ignoramos onde repousam



No Barué. — Apresentação dos egypaes angonis a João de Azevedo Coutinho

Angónia, Chuargué, Barué são termos arvezados que demandam explicação. Vamos por partes.

## A Angónia e a Makanga

É uma região, quasi desconhecida, medindo umas 100 mil milhas quadradas, na Zambesia (Africa Oriental), a seis dias de viagem de Tete e a dois dias do lago Nyassa, tão cantado por Livingston. Na margem opposta demora a região do Barué a que João de Azevedo Coutinho ligou o seu nome ha pouco ainda. A historia da Angónia escreve-se com poucas palavras: data de hontem. Em tempos que não vão longe, mas que difficilmente se podem

os restos d'este Mandala, que o *Brasil-Portugal* muito generosamente se encarrega de fazer passar á historia das negruras africanas. Ainda como subsidio para a historia, com que ninguém se importará, o sr. Mandala tinha sujeitos ao seu despotismo, e arvorados em régulos, a seu turno despoticos, os seus illustres manos Mukawira, Kabango, Junga, *Portuguese*, Zissane, e a sua não menos illustre mana Mlangeni, especie de padeira de Aljubarrota . . . mascavada.

Todos os membros d'esta nobre estirpe zulu cairam em ferros de El Rei juntamente com o *real* Mandala quando pretendiam revoltar-se contra a auctoridade portugueza. O epilogo d'esta luta foi a morte de Chissinga, regulo da Makanga — região de que adeante nos occuparemos.

O armamento de guerra dos angonis constava de escudo de pele de cabra (*chikopa*), de um molho de zagaia (*mikondo*) e de um cacete curto, especie de mûca (*doto*).

Na época da occupação os descendentes dos zulus mal falavam a sua lingua natal. Hoje fala-se em toda a região o dialecto Maganga, ou Chymhanja. Razão: a tribo invasora não levára mulhe-



Residencia de Antonio Brito, no Angónia — Mkodza-Kodza

res ao emigrar. Lançou mão das damas dos inimigos vencidos. Assim, os filhos aprenderam mais facilmente a lingua materna, em prejuizo da lingua *castanholada* da Zululândia.

### O tenente Brito

Terá trinta annos escassos, e parece ter menos. Vida curta e bella. Nasceu no seculo passado e de elle trouxe a memoria das coisas epicas modernas. Isto e o sangue quente fizeram-o sonhar com glórias e poz em pratica o sonho. Ahi por 94 fizeram-o guardar a marinha. Tres annos depois punham-lhe as dragonas de tenente. Em 99 partia para o Continente Negro levando no bolso o decreto que o nomeava residente na Angónia — esse paiz selvagem em que não havia Rei nem Roque, perdido nos mappas deficientes e que

domínio, Antonio Brito parte para o sudoeste do lago Nyassa em exploração, no mez de abril de 1900. Ao regressar, em junho, encontra revoltada toda a região, avança com o seus cypaes sobre a povoação de Mandala, que lhe sae ao encontro, no sitio da Mtsapa, armados até aos dentes, elle e uma legião de pretos aguerriados. Mandala é vencido e preso. Na madrugada de 9 a força vencedora cae sobre os outros regulos cypaebalernos, que domina, e faz transportar, a 16, para Tete, excepção feita do heroe Mandala, que houve por bem fugir da derrota da vida, envenenando-se. Murkawira morre de febre, dias depois, na fortaleza de Tete. Os outros foram presos para Quemane.

Tudo feito de um folego e no mesmo impeto de coragem. Restava a Makanga.

O primeiro regulo da Makanga foi um tal Caetano Pereira, cognominado *Chikwira* (?), que em portuguez significa *Arre tudo* (arrredal). O segundo foi Chissinga, o terceiro Kaakune e o quarto Luiz Caetano Pereira, conhecido pelo Chissinga — bellos nomes lusos, o 1.º e o ultimo, encadernados em saeviche.

Antonio Brito pretendia e cumpriu o, domar o selvagem da Makanga. Mas levava consigo o secreto desejo de vingiar o morticínio de 1888. Na Makanga foram barbaramente assassinados n'aquelle anno dois officiaes portuguezes e trucidado o destacamento Angónia que os acompanhava. Ahi encontrou ainda o tenente Brito as ruinas do forte e as duas peças de artilheria que ficaram em poder dos pretos.

Dispondo apenas de 200 cypaes armados de *Suiders*, 4.000 homens de escudo e azagaia e 200 carregadores, levou de vencida toda a região rebelde, varrendo-a desde o rio Kapoche até á fronteira ingleza.

O ultimo canto d'esse poema de heroidicidade acabou com a tomada da aringa de Muchena, a 40 milhas de Tete e com a morte do bravo, que era, Chissinga. A cabeça d'este chefe temido poz termo á guerra de um pequeno grupo de combatentes contra cerca de 50 mil negros. E ficou vingado o massacre de 1888.



O tenente Antonio Brito com os seus dois Grandes



O regulo Chissinga

apenas figurava como um grande ponto de interrogação na sabeloria das repartições superiores.

O novo tenente não hesitou. Mette-se ao sertão com 50 cypaes, mal armados, e põe casa de cômo em Mkodza-Kodza, occupando assim, oficialmente, em nome da soberania portugueza, a Angónia, isto com grande surpresa do indigena que nunca vira tal arrojado e que desde logo jurou, sobre as suas lendas e bruxarias, dar cabo do destemido que pretendia subjugal-o. Estabelecidas as bases do

### João Judice de Vasconcellos

Nasceu no Algarve, a terra dos poetas, das flores, das lendas misticas, e das tradições heroicas. Corria-lhe nas veias o sangue de uma raça guerreira que se perpetúa puro através dos seculos.

Pertencente a uma familia de militares illustres, o valeroso rapaz abraçou a carreira das armas, mas assustado com a vida pacata que o esperava nas fileiras de terra, abandonou a ideia primeira e

fez-se marinheiro. Aos 22 annos, postos os galões de guarda-marinha, partiu para a Africa a fazer tirocinio e em cata de uma aventura que o honrasse e honrasse o paiz. Em boa hora saiu do Tejo

Por essa epoca luctava João d'Azevedo Coutinho no Barué, a temivel região da margem do Zambeze, fronteira á Angónia.

Subjugadas a Angónia e a Makanga, Antonio de Brito, que já então dispunha de forças de confiança, forneceu a Coutinho 3000 carregadores, 800 homens de guerra e 15000 homens para a columna de Tete. Dos 800 homens de guerra, 300 levavam armamento Snider e eram capitaneados por Brito e João de Vasconcellos.

Os dois rapazes partiram alegremente, com essa alegria ruidosa da mocidade, rindo do perigo, e internaram-se nos territorios do Barué, onde prestaram assignalados serviços.

Não tardou que João de Vasconcellos mostrasse a energia, a coragem e o sangue frio de que a natureza o dotou.

Dada ordem para ser atacada a aringa de Chuargué, o destemido guarda-marinha poz-se á frente dos seus cypaes e avançou

contra o reducto e as filas cerradas dos negros. Está ainda na memoria de todos o que foi esse recontra temivel, que marca mais uma pagina brilhante na historia da campanha do Barué.

A força diminuta, mas n'um impeto irrisistivel, entrou na aringa, e de roldão com ella, abrindo caminho, o guarda-marinha, que n'essa acção arriscada teve o seu baptismo de sangue e a sua consagração de heroe, firmada pelos applausos dos proprios cypaes attornitos.

Antonio de Brito foi condecorado com o officialato da Torre e Espada; a João de Vasconcellos foi conferido o gráu de cavalleiro. Promovido a 2.º tenente, é hoje ajudante de ordens do ministro da marinha.

Tal é, em resumo, a nota da ultima campanha de Africa em que se puzeram em evidencia os nomes de dois rapazes de valor



Na Makanga — O regulo Chissinga

## PRELUDIO

Aux cheveux d'embroisie,  
La Nymphé potsie  
Avec son sort subtil  
Revient d'exil.

BANVILLE.

Resplandecentes crianças,  
Rimas dispersas em dansas,  
Volateando suaves,  
Como aves;

Sonhos que a myrrha perfuma,  
Chimeras brancas de espuma,  
De mil rubis de alvoradas  
C'roadas;

Willis de neve, alvas sises,  
Turquezas, róseos onixes,  
Granadas, berillys, prazios,  
Topazios;

Bandos de fadas errantes,  
Chusmas de archangjos brilhantes,  
Sombras de ignotas Ilyrias,  
Walkyrias;

Voltae nas azas do idyllie!  
Baagae as nuvens do exilio,  
Abri as azas cheirosas  
De rosas!

Dos verdes bosques sombrios,  
Dos claros, limpidos rios  
Trazei, sagradas redomas,  
Aromas!

E os sons das lubricas festas  
Que vão troando as florestas,  
Onde entre a luz vêm-se, em bando,  
Cantando,

Nayades, mythos, assombros,  
Nymphas de esplendidos hombros,  
Molhando d'agua nos veios  
Os seios!

Corda por corda de flores,  
Nota por nota de amores,  
A lyra que morta cae-me  
Banhae-me!

Chegae dos longes Erotas,  
O' cysnes, ibis, gaviotas,  
— Alados lyrios de pluma  
De espuma!

Chegae-vos, nuvens rosadas,  
Nuvens de seda espalhadas  
Na luz vibrante e sonora  
Da aurora!

Chegae-vos, anjos dispersos,  
O' anjos que encheis meus versos,  
Poesia, sombras cheirosas  
De rosas!

ALBERTO D'OLIVEIRA.

# Almeida Garrett



O cortejo ao passar no largo de Santa Isabel, em direcção ao Cemitério dos Prazeres  
A carreta enfeitada de flores que conduziu aos Jeronymos a urna encerrando os restos do grande escriptor

## A saia de seda

Fui recebido ha dias pelo velho poeta Cruzilles, a quem ia pedir um conselho (aprende-se até morrer!). Encontrei-o tranquillo e risinho como sempre, no seu pequeno gabinete de trabalho todo forrado de tapeçarias, sentado, perto d'um fogo flamejante, no seu largo *fauteuil d'antepassados*, acariciando com a mão a barba branca, doce e longa barba como as das estatuas que symbolisam os Rios, e lendo *Rabelais* n'uma grande edição antiga.

— Ah! disse-me elle, são os Deuses que o enviam: vae-mo prestar um serviço. Minha irmã, como sabe, nunca saiu de Marselha; assiste a umas bodas na semana que vem, e pode-me para lhe mandar com a maior brevidade uma bella saia. O meu amigo que é ainda um tanto d'este tempo, dava-me grande prazer se quizesse encarregar-se por mim d'esta compra.

E falando d'este modo, o meu illustre amigo estendi-me um maço de notas do banco sufficientemente espesso, porque, na sua qualidade de homem que sabe tudo, não ignora que uma saia custa hoje o que custava outrora uma boa casa espaçosa, e um bonito bocado de terra.

— Querido mestre, disse-lhe eu, estou ás suas ordens; mas o senhor que é um grande colosso e risinho como a Índia e o Oriente, não saberá escolher melhor do que escolher-me a mim? — Ah! exclamou: seja generoso, dedique-se, não me obrigue a entrar n'uma d'estas Babeis de cartão, onde é preciso andar tres leguas para comprar meia dúzia de lenços, onde se vendem relógios, guardas-chuva e escudos de latão, onde os caixeiros tomam area diplomaticos, e onde nos oferecem tapetes do Turkestan quando apenas se pedem lenços. E depois, continuou com o seu franco bom humor, prefiro dizer-lhe toda a verdade: jurei, ha quarenta e seis annos, — sim, em 1834, — que nunca mais havia de comprar saias!

— Mas, disse eu a Cruzilles, perdê-me querido mestre: tinha vindo a Paris sem outro modo de vida que a Poesia lyrica, disse-m'o um milhão de vezes: como é que então já podia comprar saias?

— Tinha, disse o velho poeta, seguido o meu compatriota Mery na satyra politica. Assim como elle tinha escripto *Corbierides* e *Villénades*, eu compunha *Persillades* e *Thierisades* que dava aos livreiros a troco d'alguns soldos, ou mandava imprimir a credito, e cuja venda mal pagava as despesas. Neste momento de que lhe falto acabava de escrever com certa raiva contra o ministerio um poema inflamado. Como até ali tivesse sempre pago pontualmente, obtive credito do impressor e do fornecedor de papel para uma obra bastante longa, e, fazendo eu mesmo de vendedor e de distribuidor, tinha ido espalhar os meus exemplares pelas livrarias do Palais Royal. Mas o publico não deu port tal.

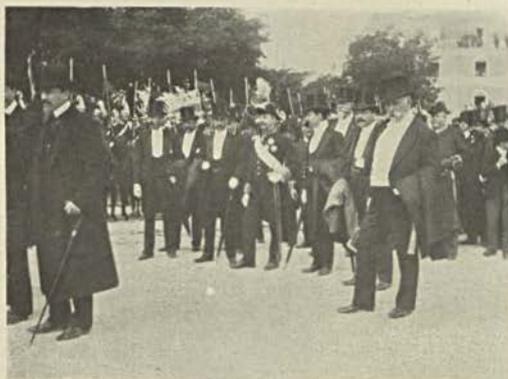
\*Morava proximo dos telhados, no famoso sotão que sem duvida me teria sorrido dois annos mais tarde, — pois que ahi se vive perfectamente aos vinte annos, como diz Beranger — mas onde morria abafado. Ahi, como Balzac, com quem acabo de travar relações, alimentava-me todos os dias com uma chavena de leite e um pão d'um soldo, lembrando-me com uma resignação viril, das caldeiradas maternas. Mas não era n'esta janla que eu escrevia os meus versos, porque tinha como era da moda, uma Lisettê de dedos pretos de picadas d'agulha, em casa de quem estava mais vezes do que na minha, e, como deve suppôr, as raras peças de cinco francos que a Musa avara me dispensava, derretiam-se em ramos e em lactos para esta bem amada.

\*Chamava-se Agatha, e sob os bandos muito liços, com os grandes olhos pretos, o nariz de mau genio, a boca vermelha como uma flor, o pescoço alto e flexivel, possuia uma das mais encantadoras cabeças *mil oito centos e trinta* que é permittido phantasia. Ligeira e delicada, era encantadora com uma saia justa, um cabeção aberto, e sapatos de cothurnos. E por cima de tudo isto, estúpida como um pato. Era a *grisette*, a verdadeira *grisette*, não chorada! Como os senhores dizem hoje, era *romanes*, e cantava as canções de Beranger, tendo a habilidade de as metter todas n'uma unica musica. Falava como as personagens de Paulo de Kock, designando as ligações amorosas por estas palavras: *Estar com alguém!*

\*Levava o seu orgulho de rapariga honesta a ter apenas um apaixonado de cada vez, mas, sem nenhum escrupulo, falava-me dos que me tinham precedido, *Paulos*, dos *Eugenios*, dos *Arthuros*, dos *Edmundos*, dos *Ernestos*, que me affirmava terem sido uns monstros, mas contudo gentis. Desde pela manhã até á noite enfiava a agulha com uma regularidade que me desesperava e, quando os meus beijos vinham interrompê-la, lamentava-se amargamente do tempo que lhe fizera perder na sua ferida de trinta soldos. Imagine o que eu poderia pensar das suas tristezas a proposito d'um ou dois soldos sacrificados a uma expansão d'amor, eu que tinha a pre-



Os representantes das Camaras Municipaes



O ministro das Obras Publicas, conde de Paço Vieira, acompanhado pelas deputações das Camaras dos Paços do Reino e Deputados



Representantes da Universidade e escolas superiores



Operários da Fabrica de Bolacha, à Tampulha

tenção de ganhar muito depressa o ouro preciso para instalar Agatha n'um palácio!

\*De resto, se a sua conversa me aborrecia, a minha penna, cor-

dos vermelhos beijos de grenada, e pensei que vendo a sorrir,

todo o meu amor se desmoronava em pó. Mas não! Ela sorria, fria, cruel, completamente mudada. Pedi-me: —

— Quando? — Mas, disse eu alegremente, dentro de quinze dias. E nunca

imaginei o espirito d'ordem com que esta *grisette* devia cantar

os minutos e as horas.

\*Quinze dias depois, era o 10 d'agosto. N'essa manhã, por

falta de dinheiro, não tinha bebido a chavena de leite nem

comido o pão de um soldo, e fui perfeitamente em jejum

quando me dirigi à paláciosa da minha amada. Através do

Palais Royal ainda lancei um tímido olhar para as livra-

rias; mas fui logo informado da não venda do meu poema,

vendo-me olhado com desdém pelos livreiros. Aterra do pela

humilhação e pelos clamores do meu estomago, lembrei-me

dos bellos olhos de Agatha, dos seus cabelos empastados,

dos vermelhos beijos de grenada, e pensei que vendo a sorrir,

todo o meu amor se desmoronava em pó. Mas não! Ela sorria,

fria, cruel, completamente mudada. Pedi-me: —

— Quando? — Mas, disse eu alegremente, dentro de quinze dias. E nunca

imaginei o espirito d'ordem com que esta *grisette* devia cantar

os minutos e as horas.

\*Quinze dias depois, era o 10 d'agosto. N'essa manhã, por

falta de dinheiro, não tinha bebido a chavena de leite nem

comido o pão de um soldo, e fui perfeitamente em jejum

quando me dirigi à paláciosa da minha amada. Através do

Palais Royal ainda lancei um tímido olhar para as livra-

rias; mas fui logo informado da não venda do meu poema,

vendo-me olhado com desdém pelos livreiros. Aterra do pela

humilhação e pelos clamores do meu estomago, lembrei-me

dos bellos olhos de Agatha, dos seus cabelos empastados,

dos vermelhos beijos de grenada, e pensei que vendo a sorrir,

todo o meu amor se desmoronava em pó. Mas não! Ela sorria,

fria, cruel, completamente mudada. Pedi-me: —

— Quando? — Mas, disse eu alegremente, dentro de quinze dias. E nunca

imaginei o espirito d'ordem com que esta *grisette* devia cantar

os minutos e as horas.

\*Quinze dias depois, era o 10 d'agosto. N'essa manhã, por

falta de dinheiro, não tinha bebido a chavena de leite nem

comido o pão de um soldo, e fui perfeitamente em jejum

quando me dirigi à paláciosa da minha amada. Através do

Palais Royal ainda lancei um tímido olhar para as livra-

rias; mas fui logo informado da não venda do meu poema,

vendo-me olhado com desdém pelos livreiros. Aterra do pela

humilhação e pelos clamores do meu estomago, lembrei-me

dos bellos olhos de Agatha, dos seus cabelos empastados,

dos vermelhos beijos de grenada, e pensei que vendo a sorrir,

todo o meu amor se desmoronava em pó. Mas não! Ela sorria,

fria, cruel, completamente mudada. Pedi-me: —

— Quando? — Mas, disse eu alegremente, dentro de quinze dias. E nunca

imaginei o espirito d'ordem com que esta *grisette* devia cantar

os minutos e as horas.

\*Quinze dias depois, era o 10 d'agosto. N'essa manhã, por

falta de dinheiro, não tinha bebido a chavena de leite nem

comido o pão de um soldo, e fui perfeitamente em jejum

quando me dirigi à paláciosa da minha amada. Através do

Palais Royal ainda lancei um tímido olhar para as livra-

rias; mas fui logo informado da não venda do meu poema,

vendo-me olhado com desdém pelos livreiros. Aterra do pela

humilhação e pelos clamores do meu estomago, lembrei-me

dos bellos olhos de Agatha, dos seus cabelos empastados,

dos vermelhos beijos de grenada, e pensei que vendo a sorrir,

todo o meu amor se desmoronava em pó. Mas não! Ela sorria,

fria, cruel, completamente mudada. Pedi-me: —

— Quando? — Mas, disse eu alegremente, dentro de quinze dias. E nunca

imaginei o espirito d'ordem com que esta *grisette* devia cantar

os minutos e as horas.



O desfilor do cortejo pela frente do governo, á porta do cemitério



Em frente do jazigo do Cemitério dos Prazeres

dez saias, mas desde então, meu caro amigo, não comprei mais nenhuma, e aqui está por que lhe peço hoje esta fineza.

— Meu querido Mestre, disse a Cruzilles, é fácil acreditar que uma *priveite* sentimental, mudasse d'apaixonado em cinco minutos; e parece-me também natural que através das tempestades políticas, e na idade dos dezoito annos quando surgem todos os milagres, um poeta francez pudesse ter ganho trinta mil francos com os seus versos. Mas o que me custa a crer, absolutamente, é que uma mulher, não importa de que classe, a quem iam levar dez saias d'uma vez, não fosse avisada por um presentimento mysterioso e não as tivesse sentido vir: sobretudo a espartilhe e a côr de rosa!...

THÉODORE DE BANVILLE.



## Na aldeia

A noite foi caindo. A terra, illuminada  
Por um morno luar, como que está cansada,  
E procura dormir no seio reizante  
D'aquella grande mãe, da natureza ingente.  
Os arbustos feridos curvam a debil fronte  
E, ao outro dia, vendo o sol bater no monte  
Erguem-se aão, sorrindo, a perfumar a aldeia.

Que me'dera poder quebrar esta cadeia,  
Que me accenta a dôr, dormir como os arbustos,  
Fossur todo o vigor dos vegetaes robustos.  
Ser para a dôr, como é para o vento o carvalho,  
Sentir cair no seio o pranto d'um orvalho  
E, quando o sol ergresse os matinaes arvôres,  
Rebentar, como a planta, em um sendal de flores!

II

Ergue-se rubro o sol. Nascem no campo as flores

Alma, sae d'esta noite, em que só vejo dores,  
E passeia no azul a tua magua, e canta  
Com a força viril d'uma robusta planta  
O dia, o sol, o amor, a vida, a primavera  
E os vastos pinheiracs e os troncos cheios d'hera.

Bebem mais fundamente as bôças das raizes.  
Sente-se percorrer nos vegetaes felizes  
A seiva, que lhes leva a força — e os troncos nus,  
Reijados pelo alvor castilissimo da luz,  
Enchem-se d'allegria e cobrem-se de folhas.

Alma, tímido arbusto, alma, que te desfolhas  
Ao vento da tristeza, aspira a grandes tragos  
A vida, que rebenta em pleno azul, nos lagos,  
Nos pinheiracs, na rocha e no lauz dos montes,  
E, como os vegetaes cobrem nos horizontes  
Os ramos de verdura, — alma triste, descança!  
Enche-te d'allegria e cobre-te d'esperança!

BERNARDO LUGAR.



A chegada aos Jeronymos

## O SUAVE MILAGRE

(Conto de Eça de Queiroz)

N'esse tempo Jesus, de manso, percorria do lago Tebardi as margens luminosas; já d'Eganin nas praças se dizia d'um Rabbi que (fazendo as curas milagrosas do cego e do leproso, e prégando a humildade da linda Galiléa, os campos visitava. E era tamanha a fé, e era tanta a bondade que o seu meigo dizer nas almas espalhava, que as mulheres, por fim, o lar abandonavam para o seguir, e até os homens de trabalho, quando o Rabbi surgia, em seu mistar paravam extaticos ao ver que, a um gesto seu, o galho secco reverdecia; a pedra em flor mudava; na rocha abria a fonte; e um rasto de esperança, um fluído de mysterio, as almas agitava, como uma claridade, um arco de *aisangs*, mostrando, além da vida, uma continuação redemptoria: sublime e toda espiritual, toda feita de paz, d'amor e de perdão... E porquê d'issachar no perfumado valle, um velho deslumbrado, uma tarde passando contára que um Rabbi formoso percorria a doce Galiléa, alma e corpo curando. O velho Obet, rico senhor da Samaria, julgando-o um feiticeiro, e vendo a sua lavra, gado e vinha, a morrer, ordenou que o buscassem; mas do Rabbi sómente o milagre e a palavra eram por toda a parte. E como já chegassem ao forte que domina o valle de Cesarés, noticias do Rabbi, Pablius, que tinha a morte sua unica filha, o Rabbi da Judéa mandou procurar bem pela escolha do forte, e trazei o ante si. E os soldados voltaram, como os servos d'Obet, sem o Rabbi ter visto. Todavia a doutrina e as curas milagrosas do propheta, depois denominado Christo, tal o orvalho caindo em calice de rosas, aos corações levava a crencia redemptoria, raso de luz divina, interminas banhando os desolados seres, d'um esplendor d'aurora! Ora ao pé de Eganin vivia commungando d'uma negra miseria o turvo e amaro fel, a um casobre a tratar d'um filhinho alejado a mais pobre mulher da tribo d'Israel, um povo já de si bastante desgraçado, quando um mendigo, um dia, ao repartir com ella o seu farel, contou d'esse Rabbi formoso, que a todo o infeliz e triste consolava, que affirmava existir vida para além d'aquella, que amava a creancinha e curava o leproso, mas que ninguém sabia onde agora poisava. Foi-se o pobre, e um ai disse o filhinho em pranto: «O' mãe! esse Rabbi os pequeninos ama — ama os que soffrem... Eu, pequeno, soffro tanto!...» E a desgraçada mãe a soluçar exclama: «Sem sei, curar-te-ia. Oh! mas tantos em vão mandáram legiões em busca de Jesus, e eu podia deixar-te e ir encontrá-lo? Não. Quem sabe se elle morreu ou se era apenas luz do céu, e que do céu, de novo, se avizinha?...» «Querias vel-o, ó mãe!...» o pequenino em febre, As mãosinhas de cera erguendo, murmurou. Abriu-se de vagar a porta do casobre: Era o Christo, o Rabbi; fitando a creancinha, sorrindo respondeu: «Chamaste-me? Aqui estou!»

S. Paulo. Noite de sabbado de alleluia de 1903.

ALGANTARA CARREIRA.



A corrente á porta dos Jeronymos



**N**a primavera não são apenas as arvores que sofrem transformação, são também os theatros. Os espectáculos de inverno vão sem termo, os artistas prestes a terminarem as suas escripturas começam n'uma roda viva, os de Lisboa vão para a provincia, os de fora veem para Lisboa. E é difficil a um chronicista acompanhar de perto toda essa dança macabra de artistas que chegam e de outros que partem, de uns que se vão e de outros que apparecem de tão longe. Assim por exemplo, durante estas duas ultimas quizesimas, em que as festas do Rei Eduardo, a traslagação de Garrett, e uma ou outra nota politica prenderam a attenção publica, é longo o registro de acontecimentos theatraes. **D. Maria**, o nosso theatro normal que acaba de terminar a epocha, vae agora caminho do Norte, depois de nos ter dado em ultima *première* duas peças originaes, uma comedia em um acto, *Festa d'actriz*, do sr. Jorge Santos, que já no seu *Crime d'amor* accentuava apreciaveis qualidades de escriptor theatral, e outra, *Medicina domestica*, do sr. Raphael Ferreira, que ainda não ha muito tempo se estreára auspiciosamente como auctor dramatico no Gymnasio. Esta peça agradou francamente e mereceu-o. Não é uma obra prima theatral, por certo, mas corresponde ao seu fim — prender e interessar o espectador, como obra honesta que é.

Em **D. Amelia** o movimento foi grande. Nos ultimos espectáculos da companhia portugueza, houve a peça de Mauricio Donnay, *Le Torrent*, já nossa conhecida da passagem de Bartet e de Le Bargy, traduzida agora pelo sr. Lopes Tavares, e na qual se distinguiram Augusto Rosa e Brazão, Rosa Damasceno e Maria Falcão, estas nos dois unicos papeis femininos que a peça tem, dos papeis absolutamente differentes entre si; e em beneficio de Lucinda Simões uma peça interessantissima, *O inquerito*, do repertorio do theatro Antoine, que a distinctissima actriz escolheu mais para proporcionar ao seu publico uma obra tão em voga, e tão discutida, do que propriamente para fazer destacar os seus grandes dotes artisticos, que todos admiram, e que na peça de Henriot não tinham ensejo para de novo se revelarem. *N' O inquerito*, o papel principal é o do juiz, desempenhado com extrema correção, certo vigor theatral, e, pôde dizer-se, acertada intuição artistica, pelo actor Christiano de Sousa. Ainda um outro espectáculo chamam a attenção publica, o da festa artistica de José Antonio do Valle, o incomparavel actor comico, tão justamente apreciado, o engracadiissimo *Patrullão da Pouca Sorte*, que elle escolhe para a sua festa. Foi n'esse papel que elle appareceu no palco do **D. Amelia**, ao lado de artistas dos maiores que nós temos, e entre elles brilhou como era natural. Estas peças, e todas as outras do seu já hoje vastissimo repertorio, já anjá a partir, com pequenas demoras em Santarem e Coimbra, exactamente nas vespersas da chegada dos Coquellin. Os oito espectáculos da companhia franceza d'estes artistas constituiram por assim dizer a *great attraction* theatral do fim da estacão. Abusou-se um pouco de Molière, como a tanta gente ouvimos dizer, mas Molière agradou apesar de tudo, menos em todo o caso pelo rigoroso escrupulo como era interpretado e posto em scena, do que pelas bellezas que esse theatro encerra, repositório brillantissimo de conceitos e de ridiculos hoje ainda de grande valor, apesar de *démodés*. Os primeiros são a fonte inexgotavel do muito espirito de hoje, os segundos podem ainda hoje, passados tantos annos, ser applicados com grande propriidade. Como sempre, escreveu-se muito sobre os Coquellin, e escreveu-se variado. Com a nossa critica succede uma cousa muito interessante: é que varia tantas vezes quantas são os escriptores que apparecem a exercel-a. Lá fora, representa-se uma peça, critica-se um desempenho, apparece uma duxia de artigos, e todos elles, tão differentes no estylo, na maneira de ver, de apreciar, na graça da critica, na justeza da apreciação, são no entanto entre si absolutamente concordes — nos pontos principaes, o valor da obra e o merito do desempenho. Pode haver divergencias na critica dos detalhes, mas mais nada. Uma obra se é boa, agrada a todos; se é má, a todos desagrada! A este mal, de que

enferma a nossa critica, pôde attribuir-se o que de absurdo se escreveu sobre os tres Coquellin. O *ainé*, já bastante nosso conhecido, agradou em absoluto. No *Destournelles* da *Madenovelles* de la *Soylière*, e no *Poirier*, foi o actor extraordinario que tantas vezes temos admirado, e se no repertorio de Molière, a que já alludimos, não fez, pelas razões tambem já apontadas, a *renovação* que se esperava, teve em compensação, nos dois actos que aqui desempenhou do *Cyrano de Bergerac*, um verdadeiro triumpho. E que elle é realmente, n'esse personagem assombroso de Rostand, que em si revive toda uma epocha, verdadeiramente extraordinario. Seu irmão *Cadet* não provocou o mesmo entusiasmo. O nosso publico quer que lhe apresentem artistas como celebridades para se entusiasmar. Ora Coquellin *Cadet* é tudo quanto ha de mais modesto, e de mais moderno. No desenhos dos seus personagens não ha uma *façelle*, uma *boutade* theatral, tudo absolutamente simples e natural. Viram-o aqui com o irmão e julgaram-o uma pequena estrella em redor d'aquelle satelite, quando elle é afinal um grande actor da Comedia franceza, dizendo como raros. Haja vista a singeleza, a naturalidade com que elle diz os seus *monologos*, em que é unico. O *ainé* leu ainda, em espectáculo de caridade, uma conferencia sobre Molière e Shakspeare, que ha annos escreveu e que veio publicada em tempo n'uma revista italiana.

E como rei morto, rei posto, o **D. Amelia**, mal os Coquellin partiram, fez debutar uma companhia hespanhola do theatro de Zarzuela de Madrid, cujas recitas estão sendo um acontecimento theatral.

Da **Trindade** e da **Rua dos Condes**, desapareceu a companhia, parte da qual já la vae caminho do Brasil, e em substituição surgiu n'aquelle palco uma companhia de zarzuela genero chico, emquanto no theatro da **Avenida** a companhia de Sousa Bastos cedeu o logar a uma companhia portuense, que está fazendo bellas recitas com uma revista que *calhou* no animo do publico e que tem este suggestivo titulo — *Por cima e por baixo*.

No **Gymnasio** estreeu-se ultimamente uma comedia muito engracada, traduzida pelo sr. Freitas Branco, com o titulo *Marido sem mulher*. E' uma graciosissima *charge* á lei do divorcio, encareada sob um ponto de vista bem original: o das primeiras recordações sempre vividas e sempre presentes. Um casal separa-se poucos mezes depois do enlace, porque o marido corre atraz do fructo prohibido e a mulher zanga-se. Esta passa a segundas nupcias com um barão grotesco, que lhe dá o titulo, mas a quem ella se recusa obstinadamente a dar seja o que for. O primeiro marido, que morre pelo fructo prohibido, apaixonou-se afinal por ella, e essa paixão augmenta quando conhece, pela propria confissão do segundo marido, que o procura como advogado, contanto lhe as suas desditas conjugas, a fidelidade de sua mulher. Esta acção desenvolve-se no meio de uma pequena familia, que nada sabe do succedendo entre os esposos, e da qual faz parte um major, que com a sua liana franceza não faz senão embulhar a situação. Joaquim d'Almeida fez muito bem o papel do Barão, e Palmira Torres apparece nos detalhados muito gentilmente o seu papel. Todos os outros artistas, Telmo á frente, fizeram-se applaudir.

E guardamos para o fim a companhia Lyrica do **Colyseu dos Recreios**, que está fazendo furor. O velho repertorio Lyrico, o novo, operas que fizeram as delicias dos nossos velhos antepassados, como a *Traviata* e o *Travador*, operas que nos encantaram ha pouco ainda, como o *Othello*, de Verdi, tudo isso se segue no palco do vasto Colyseu, com enchenes repetidas. Claro que apparecem criticos a dizel-a magistral, a companhia, surgem reclames estrondosos a artistas, inventam-se historias phantasticas de desempenho, mas fora todos esses exaggeros, a companhia possuie artistas realmente bons, cantores de voz bonita, e os espectaculos tem sido ouvidos com tanto agrado, que já hoje é moda ir ao Colyseu.

— Se até cantam melhor do que em S. Carlos! diz um velho.  
— E cantam, dizemos nós.



# BRASIL—PORTUGAL

Composição e Impressão

Texto e capa: Companhia Nacional Editora

Largo do Conde Barão, 30

Páginas suplementares: Off.º Estêvão Nunes &amp; F.ºº

Rua d'Assumpção, 18 &amp; 24

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Directores

Augusto de Castilho, Jayme Viktor, Lotário Tavares

Secretario da redacção — João Costa

Editor — Luiz Antonio Sauchez

Redacção e administração — Rua de S. Roque, 123

End. telegraphico — BRATUGAL — LISBOA

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL, ILHAS, E AFRICA		ESTRANGEIRO	
Anno.....	Moeda brasileira.....	Anno.....	5\$400	Anno.....	7\$000
Numero avulso.....	3\$000	6 mezes.....	2\$300	6 mezes.....	4\$000
		3 mezes.....	1\$500	Numero Avulso.....	3\$000
		Numero avulso.....	3\$000		

## SUMMARIO

## TEXTO

*Política Internacional* — CONSIGLIERI PEDROSO.  
*Escola Industrial Marquês de Pombal.*  
*Patria Nova* — RIBEIRO DE CARVALHO.  
*O Rei Eduardo VII* — Recordações — AUGUSTO DE CASTILHO.  
*O naufragio* — JOAQUIM DE ARAUJO.  
*Portuguezes em Africa.*  
*Preludio* — ALBERTO D'OLIVEIRA.  
*A saia de seda* — THEODORO DE BANVILLE.  
*Na aldeia* — BERNARDO LUCAS.  
*O suave milagre* — ALCANTARA CARREIRA.  
*Theatros.*

## GRAVURAS

CONDE DE MACEDO.  
 ESCOLA INDUSTRIAL MARQUEZ DE POMBAL — Varios aspectos — retratos de Antonio Augusto de Aguiar, Emygdio Navarro, Ernesto Madeira Pinto, Joaquim Tello, Marques Leitão.  
 EDUARDO VII EM LISBOA — Um grupo de Senhoras na sessão do tiro aos pombos na Tapada da Ajuda.  
 PORTUGUEZES EM AFRICA — Retratos dos 2.º tenente João Jucice de Vasconcellos e Antonio

Julio de Brito — No Barué — Varios aspectos.  
 ALMEIDA GARRETT — A transladação para os jeronimos — Varios aspectos.

32 Illustrações

## Bom conselho

— Como tu estás abatido, rapaz!

— Que queres? Loucuras... excessos... o diabo!

— Mas agora reparo... Tu estás forte, rijo, com boas côres. E eras tão franzino?

— Cousas, meu velho. Faze como eu. Toma o **Chocolate Brasil**, que se fabrica no Moimho de Ouro, no Largo de S. Francisco do Rio de Janeiro.

PLACAS PHOTOGRAPHICAS

PAPEIS  
 os melhores **JOUGLA**

PARIS-45, Rue Rivoli, 45-PARIS



Useem o solido calçado **ROCHA**

O MELHOR DO BRASIL

« S. PAULO »

Provem os preciosos vinhos  
 de Adriano Ramos Pinto



# Antonio Constancio Vieira

COMMERCIANTE



## VENDAS POR ATACADO E A RETALHO

### GRANDE ARMAZEM

Oceana Buildings — BEIRA

AFRICA ORIENTAL

Ferragens, cabos para navios, instrumentos de serralharia, loiça e objectos esmaltados, cordas, cordoalha, fios de arame de latão e cobre,

oleos e tintas para pinturas, vernizes, chaminés para candieiros, vidros (cortados, de quaesquer dimensões), encerados, papelaria, artigos de escriptorio, livros de contas, etc., etc.

### CARTUCHAME

Para Martini-Henry, Lu-Metford, etc. Balas, munições de chumbo, capsulas, buchas, apparatus de carregar espingardas, etc.

### Aux Dames Éléantes

#### GRANDES ATÉLIERS

DE

#### COSTURA E CHAPEUS



Especialidade em toilettes para baile, theatro e passeio

Ruivas para casamentos

Sempre grandioso sortimento em capas, paletots e outros abafos de novidade

FIGUEIREDO & SILVA

RUA DO THEATRO. 1

RIO DE JANEIRO

## ANGELINO SIMÕES & C.

Generos alimenticios de primeira qualidade

De conta propria

Commissões e consignações

Importação e transacções directas com as principaes praças do Brazil e da Europa

Vastos armazens nos novos predios recente e expressamente edificados para este ramo de negocio em larga escala



Rua do Mercado, n.º 81

Rua do Rosario, n.º 1 a 5

Beco da hapa dos Mercadores, n.º 6 e 8



### RIO DE JANEIRO

Rader, telegraph ANGELINO

Caixa postal 1054

A LA  
**FASHIONABLE**  
—  
**CHAPEUS**  
Para senhoras e creanças

ANGELINA JUSTI

Rua de S. Bento, 27 - A

**S. PAULO**

**MARTINS, VIANNA, VAZ & C.**

CONCESSIONARIOS DE

**F. F. VAZ & C.<sup>a</sup> e VIANNA, CASTRO & C.<sup>a</sup>**

**Fabrica de marmelada**

**Fructas em conserva**

Assucar em grosso e refinado — Confeltaria

— Molhados — Velas —

Sabão — Kerozene — Oleos, etc.

Telegramma **VAZ**

Caixa postal — 484

**134, Rua de S. Pedro, 135**

**67, Rua Andradas, 67**

**RIO DE JANEIRO**

**MARQUES, Successores**  
**OURIVES-JOALHEIROS**

O mais vasto, completo e variado sortido em objectos com pedras finas, d'ouro, prata, bengalias, carreiras, etc. — Sempre as novidades escolhidas pessoalmente em Paris, Allemanha e Vienna

123 — Rua de Santa Catharina — 131

Objectos d'arte e em esmalte

Preços fixos e garantidos

— PORTO —

# FABRICA S. LOURENÇO

LADEIRA DO FARIA Nº 2  
E CASCADURA

DEPOSITO CENTRAL  
RUA DOS OURIVES  
Nº 134

IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO

LOPES, SA & CIA

FABRICA DE PHOSPHOROS AURORA

FARANI SOBRINHO & C.<sup>as</sup> — Joalheiros



Rua do Ouvidor, 138-A — Rua dos Ourives, 135 — RIO DE JANEIRO

**Alberto, Martins & C.**  
IMPORTAÇÃO  
E  
EXPORTAÇÃO

Caixa de Correo — 708.

Códigos — BRASIL e RIBEIRO.

**Rua da Alfandega, 110**  
RIO DE JANEIRO



Exportadores  
Para todos os Estados  
do Brasil

Óculos montados  
com todos os melhoramen-  
tos modernos

AGENCIA  
EM  
TODOS OS ESTADOS

TELEGRAPHAS  
PINTEIRO  
Caixa de Correo—494

101, RUA DO HOSPICIO, 101  
RIO DE JANEIRO

FABRICA

DE

TECIDOS e FIAÇÃO

SANTA MARIA SOROCABA

PROPRIETARIOS:

ERNESTO ZSCHÖCKEL & C.<sup>a</sup>

Escritorio Central:

S. PAULO — Rua S. Bento, 45

CAIXA POSTAL 96.

Endereço telegraphico: DUODECIMO.

ESPECIALIDADE da fabricação

BRINS e RISCADOS

ARMAZEM

DO

PARC ROYAL

M. NUNES & C.<sup>a</sup>

Completo sortimento de todos os artigos

DE USO PARA

Senhoras e para homens

OFFICINA de costuras.

FABRICA de perfumarias.

FABRICA a vapor de roupas brancas.

OFFICINA e DEPOSITO de calçado.

Exportação para todos os Estados da Republica

IMPORTAÇÃO DIRECTA

Preços fixos sem competencia

L. de S. Francisco de Paula, 8 a 14

RIO DE JANEIRO

VINHOS

VILLAR D'ALLEN

CHAMPAGNE

VINHOS DE PASTO

Da Real Companhia Vinicola do Norte de Portugal

GERENTE: JOAQUIM JOSÉ GONÇALVES & C.<sup>a</sup>

Rua 1.º de Marco, 59 — RIO DE JANEIRO

Compagnie des Messageries Maritimes

Paquebots poste français  
Linha TransatlanticaPara Dakar, Pernambuco, Bahia,  
Rio de Janeiro, Santos, Montevideo  
e Buenos-AyresOs passageiros de 3.ª classe po-  
dem dirigir-se a OREY ANTUNES  
& C.<sup>a</sup> = 1, Praça dos Remo-  
lhares.173 passagens, carga e todas as  
informações trata-se na Agencia da  
Companhia — 37, Rua Aurea.

Os agentes, SOCIEDADE TORLADK

MALA REAL INGLEZA

ROYAL MAIL  
STEAM PACKET COMPANY

Viagens quinzenaes

PARA O

BRASIL E RIO DA PRATA

Pelos magnificos vapores  
d'esta antiga CompanhiaPrestam-se todas as informações  
na rua d'El-Rei, 31.Os AGENTES,  
JAMES RAWES & C.<sup>a</sup>

GABINETE HYDROTHERAPICO

Dr. Manuerrin Santos

Medias elasticas | 1. Mangueira, Sanitas  
2. Silbete d'AlmeidaInstalação hydrotherapica completa, disse-  
minada de doçoz para honras e amolhos, inte-  
ramente a. par. das e independentes; gabine-  
tizacao a. par. das e independentes; mangueira  
e qualifica medica, dirigida por C. de Oca-  
na. Tratamento de doçozas nervozas e de san-  
guem.

Morle das 8 h de manhã e das 3 h de tarde

ESTAB.: SANGADA DO DUQUE, 20  
CALÇADA DA SERRA, 13 Lisboa

ALFATATERIA "CONFIANÇA"

R. das Paquetaes, 101, 1.º

JAYME PIRES & COM.<sup>a</sup>Fazendas nacionaes e estrangeiras.  
Confecções para homens, senhoras  
e creanças. Fardamentos mi-  
litares e todos os uniformes.

Preços resumidos

Fatos completos pretos, azues e cin-  
zobros, de

65000 a 70000

Ditos de fazendas estrangeiras, de

15000 a 20000

Escollido sortimento em sobretudos,

Doblios-capas e varinos d'leiro.

Capas e hespanhola, fabrico espe-  
cial de nossa casa, de

15000 a 20000

Os mais puros e genuínos vinhos do mundo  
DA  
ANTIGA E UNIVERSALMENTE ACREDITADA CASA

# Ferreirinha

do PORTO e REGOÁ  
(FUNDADA EM 1751)

VINHOS VELHOS DE 1812 E 1815  
(reserva especial)

Recomendados pelos Srs. médicos para os anêmicos,  
dyspepticos, doentes e convalescentes

VINHOS ADAMADOS

Bastardo, Malvasia e Moscatel

muito apreciados por todas as senhoras

Marcas para o commercio

Vesúvio -- Ferreirinha -- Cruzeiro -- Nogueiras e Cosmopolita

A venda em todas as Confeitarias, Hotéis, Botequins,  
Armazens e Vendas

Deposito — RUA 1.º DE MARÇO, N.º 17 — RIO DE JANEIRO  
FONSECA & SA

SAQUES sobre Portugal, Ilhas, Hespanha, Italia,  
Paris e Londres

## H. PARRY & SON

Construção de navios de ferro e aço

Caldeiras e machinas a vapor para terra e mar

34, R. VINTE E QUATRO DE JULHO, 36

LISBOA

OBRAS DE REPARAÇÃO EM CASILHAS

ESTABEIRO NO GINJAL

## BRAZIL-PORTUGAL

Os escriptorios d'esta Revista  
mudam-se no dia 1 de Junho

para a

CALÇADA DO SACRAMENTO, 14, 2.º

## A ACCUMULADORA

Sociedade Anonima de Seguros e Economias

CAPITAL INICIAL: RÊIS 100:000\$000

Secção de Economias:

Apólices do valor de 500\$ emitidas até 31  
de março

RÊIS 2.386:500\$000

Secção de Seguros de Vida:

Apólices de Seguros Infantil e Dotal emitidas,  
do valor de 3:000\$

1.485:000\$000

NOTA

As apólices de Economia são resgatadas por sorteios se-  
manaes — e pagas em dinheiro.  
As apólices de Seguros são liberadas por sorteios se-  
mestrais

SEDE SOCIAL — G. R. DA BOA VISTA, 6 — SEDE SOCIAL

Caixa Postal — 648.

Telephone — 62

S. Paulo

Brasil

## Fabrica Confiança de Gravatas

VENDAS POR ATACADO

Endereço telegraphico — GRAVATAS



J. AZEVEDO & C.ª

Largo de S. Francisco de Paula, 4 B

RIO DE JANEIRO

The Pacific Steam Navigation Company

Caes do Sodré, 64, 1.º

LISBOA

OS AGENTES — E. Pinto Basto & C.



Viagens rapidas para o Brazil e portos do Pacifico. Carreira quinzenal (às quartas feiras alternadas). Grandes paquetes, luz electrica, luxo e todas as commo'didades. Preços modicos para S. Vicente, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Montevideo, Valparaiso, portos do Chili e Peru, e, na volta, para La Pallice e Liverpool.

◊ JULHO LIMA & C. ◊



FABRICANTES DE CHAPEOS DE FELTRO

**Fabrica**

167, RUA DE S. CHRISTOVÃO, 167

**Deposito**

46, RUA DE S. PEDRO, 46

End. teleg — JULIMA

RIO DE JANEIRO

FABRICA FUNDADA EM 1890 — Occupa a área de 12.000 quadrados

MACHINISIOS MODERNOS E APERFEIÇADOS

Os seus productos rivalisam vantajosamente com os importados do estrangeiro. Esta fabrica foi distinguida com o diploma na Exposição Artística e Industrial de 1900, primeira a que concorreu. — Absteece os principais mercados do paiz.



EMPRESA INSULANA DE NAVEGAÇÃO

Para **Madeira, S.ª Maria, S. Miguel, Terceira, Graciosa (Prala), S. Jorge (Vellas), Caes do Pico e Fayal.**

Sae o vapor **FUNCHAL**, commandante Antonio Xavier Andrade, no dia 20 de Maio às 10 horas da manhã da muralha d'Alcantara.

Trata-se com os agentes — Caes do Sodré, 84, 2.º

Germano Sarré, Agente.

MAISON NOUVELLE



Modas e Confeccões

Com atelier de modista e alfaiate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quinta das escadinhas de Santa Justa

MAISON NOUVELLE

Deposito Sanguinhal

Vinhos tintos e brancos

do

SANGUINHAL

Os melhores vinhos de meza

VINHOS

do

Porto e Madeira

Cognac,

Champagne,

Licores, etc.

129 — RUA DO ALECRIM — 131

Telephone N. 137

CARPINTARIA, MARCENARIA E SERRARIA

A VAPOR

DE

José Maria Pereira Junior

COMPLETO SORTIMENTO

DE

Madeiras e Materiaes

Para construcções civis

Construcção e reconstrucção de predios

RUA LAVRADIO, 33

RIO DE JANEIRO

ATELIER DE ALFAYATE



ANTONIO DO COUTO

Premiado na Exposição  
Universal de Paris de 1900

Magnifico sortimento de fazendas  
nacionais e estrangeiras

Rua do Alecrim, 411, 1.º — LISBOA